Chorbajian, Leon. The Social psychology of American males and spectator sports. *International Journal of Sport Psychology*, *9* (3): 165-76, 1978.

À primeira vista o título pode indicar matéria de interesse exclusivo dos EUA. Engano. Não é. Embora contenha algumas nuanças inevitavelmente implícitas na cultura norte-americana, a matéria está sendo resenhada justamente porque tem sentido universal neste fim do século XX. Fim cronológico, diga-se de passagem, porque do ponto de vista psicossocial já estamos no século XXI, desde que o homem, além de ter pisado na lua, pela primeira vez, em 1969, conseguira, 24 anos antes, desintegrar o átomo. Esses dois fatos, mais o fim da guerra fria, traumático para a nação norte-americana, acrescido do estertor do colonialismo, ocasionaram transtornos que assinalam o bruxulear do século XX, cuja duração sociológica foi apenas de 59 anos: de 1914 a 1973. E como tudo o que acontece nos EUA repercute no mundo, este trabalho é revelador desta época de transição, em que o esporte aparece como evento marcante, com repercussão coletiva, não suspeitada anos atrás.

Essa incorporação do esporte à vida emocional e social dos nossos dias, conseqüente ao aumento de espectadores após a II Guerra Mundial, criou uma imensa indústria, comandando milhões de pessoas, jornalistas, radialistas, comentadores de TV, jornais especializados, revistas e livros. Em alguns países, provocou a criação de órgãos governamentais com seu séquito de dirigentes e funcionários; isto é, o esporte foi institucionalizado.

A maioria dos espectadores é formada de homens; não apenas quantitativamente, mas também no sentido de que eles observam com interesse mais agudo e crítico, e maior sofisticação e envolvimento emocional.

Fatores psicológicos, sociais e históricos nos EUA explicam o aumento do interesse pelo esporte. O autor coloca a seguinte questão tipicamente norte-americana: esse aumento coincidiu com o crescimento da sociedade urbano-industrial, subseqüente ao encerramento da época denominada *American frontier*, quando o norte-americano embrenhava-se pelo oeste, desbravando terras, matas e montanhas, corria pela planície, matava índios, morria . . .

A mudança histórica e social foi acompanhada da continuidade dos traços psicológicos masculinos do homem da *fronteira*: coragem para enfrentar a imensidão, bravura, independência. Todavia, a América industrial criou outro modo de vida: os apartamentos, as casas com pouca área, as garagens, as salas de trabalho

oferecem poucos canais para a masculinidade, que necessita permanentemente de afirmação. Esta desconexão entre a psicologia masculina e a larga realidade social torna o interesse pelo esporte e a figura do espectador mais inteligíveis.

A participação em esportes é universalmente uma forma de socialização dos jovens, e, em muitos países, considerada *coisa de homem*. Assim, para os rapazes, as experiências atléticas são um *valor* pessoal e social.

Hoje muita tradição do que é *coisa de homem* foi quebrada. Ensinar, fazer seguro de vida, dar assistência social constituem atividades masculinas muito diferentes das dos séculos passados.

Nessa complexidade em que a masculinidade perdeu muito do seu modo de expressar-se, a participação no esporte é um meio de manter os valores viris tradicionais; e, como o domínio da atividade masculina tradicional passou a instituições e organizações, a expressão desses traços varonis torna-se socialmente anacrônica e individualmente frustrada.

Ocorre então que a ausência ou falta de canais naturais provocam o crescimento de canais substitutos, às vezes não socialmente benéficos, mas capazes de oferecerem evasões para comportamentos masculinos frustrados. Tais atividades permitem a ostentação de atos de valentia e desafio, nem sempre dignificantes e dignificadores: pileques rixentos, dirigir carros em alta velocidade, faltar ao trabalho, recusar o uso de cintos de segurança nos carros, suscetibilidade por ouvir dizer o que fazer, e outras variedades de supremacia machista que exigem obediência e comportamentos a que apenas as mulheres condescendem.

Numerosos aspectos dos esportes, quando se juntam, criam um complexo de comportamento que atrai os homens, permitindo-lhes que se sintam *machos*, ao mesmo tempo que minimizam os riscos de agressão beligerante e ocupações perigosas. Para se compreender esse complexo é necessário examinar, dentro do esporte: etiqueta, propaganda, apostas e o mundo da informação, prognósticos e debates, fatores esses que tornam o torcedor capaz de apresentar-se como pessoa conhecida.

Etiqueta esportiva: o comportamento do público na sociedade norte-americana é regulado pelos padrões da classe média: inibição, repressão da raiva e coisas do gênero. Porém, nos eventos atléticos, tais regras podem ser violadas; são os únicos lugares onde beber, gritar, xingar e outras proezas masculinas são não apenas toleradas mas enaltecidas. Os homens reexaminam as regras da etiqueta e concluem que atividade masculina não é contenção, e portanto se aproveitam do efeito suspensivo que o esporte permite: nada de bom comportamento de classe média; melhor é xingar o juiz de ladrão, pedir sangue, gritar *mata*, soltar palavrões . . .

Propaganda: nos esportes, os valores sociais mais consistentes têm sido sempre aqueles relacionados à masculinidade. Basta examinar os estádios para se constatar que os valores masculinos são enfatizados e acenam com escapismo para as rotinas pesadas da vida cotidiana.

Apostas: vastíssimas quantidades de dinheiro são jogadas legal ou ilegalmente em eventos esportivos. O ato de vencer é associado com conhecimento, sofisticação, análise arguta e habilidade em agir com essas qualidades. Tais imagens estão associadas, no imaginário popular, com masculinidade no jogo; o apostador não necessita medir sua masculinidade nem por meio do risco de vida nem na *marra*. As únicas coisas que arrisca são orgulho e dinheiro.

Informação sobre o esporte: lembranças de eventos esportivos passados, astros, recordes, sobressaltos e outras informações, como força e fraqueza de times e atletas, são parte do conhecimento de muitos homens adultos.

Eventos esportivos: nas irradiações esportivas fica implícito que vencedores não são simplesmente vencedores, mas pessoas com caráter superior, *personalidade*, ou seja, pessoas com maior disciplina, autocontrole, força, agressividade e desejo – qualidades de atleta em forma de guerreiro, que derrota um inimigo por meio de habilidades atléticas e força interior.

A maioria dos homens não só exerce atividades em empregos, onde são supervisionados e recebem ordens, mas, também compete num mundo econômico, em vendas, idéias, contratos, promoções comerciais etc. As recompensas são pequenas e esses homens operam numa espécie de jogo onde há vencedores e perdedores. O mesmo acontece nos esportes. Em qualquer competição só pode haver um campeão. O paralelismo entre vencedores e perdedores no esporte e na vida é flagrante.

Mas se tal acontece, por que os homens devem continuar sujeitando-se a esse tipo de vida?

A resposta está na natureza especial das fantasias no esporte. Embora seja verdade que o esporte é governado por regras, estas não podem prever o futuro com acuidade. Estratégias especiais, blefes, engenho e sorte podem produzir resultados satisfatórios. Isto significa que, a despeito da desigualdade de todas as equipes e atletas, há possibilidade até mesmo para os desprivilegiados. Um pequeno quando vence, conforme a situação, pode produzir impacto dramático.

Nesse sentido, o esporte, governado por regras ou leis, é como um teatro metafórico, onde todos os times e jogadores podem ter esperança. Mesmo os desesperançados, trabalhando duramente e seguindo as regras ou leis, podem obter êxito.

Os heróis menores do esporte são, em dado momento, como cada homem no palco da vida; e para esse joão-ninguém a vitória é a confirmação de que seu trabalho não é um beco sem saída, desabrigado de esperança.

O teatro metafórico é conservador e otimista, e ajudará a crença do povo no sistema de regras, ao promover a esperança mediante a ocorrência do inesperado. Assim, o homem norte-americano continua procurando no esporte a confirmação e fuga das frustrações cotidianas.

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA